

ENTREVISTA

PROFESSOR DR. *ALEXANDRE FELIZOLA DINIZ*

1- Cite um pouco da sua história de vida - Nasci em Aracaju, em 1941, e comecei cedo os estudos no antigo Colégio Jackson de Figueiredo, do qual não tenho, praticamente, nenhuma lembrança. Sei, todavia, que não me adaptei ao ensino aí ministrado; não conseguia ser alfabetizado e houve reclamações de Dona Judite, a Diretora, à minha mãe. Aproveitando a mudança de residência da rua Arauá para Praça Getúlio Vargas, meus pais transferiram-me para o Colégio do Salvador, onde retrocedi para o curso infantil. Adaptei-me imediatamente ao novo Colégio. A disciplina férrea, o ambiente de estudo sério e o senso de responsabilidade para com a educação demonstrado pelas professoras marcaram bastante minha vida. Certamente vem daí parte do meu nível de exigência, às vezes reclamados por alguns alunos. Desenvolvi laços de grande amizade às professoras, sobretudo às irmãs Bernadete e Mariá, amigas até hoje. Como era sempre um dos mais velhos da turma, fiz exame de admissão diretamente do 3º ano para o Colégio Tobias Barreto, pois o Ateneu” (Colégio Estadual de Sergipe) só aceitava candidatos com o primário completo. Mas no terceiro ano ginasial passei para o Estadual, onde vivi os cinco anos seguintes de minha formação básica, salvo uma interrupção de seis meses estudando em Ouro Preto (MG), quando achei que queria ser Engenheiro Civil e, naquela cidade, havia um dos cursos mais bem conceituados do país. Mas logo retornei a Aracaju, pensando mesmo em ser professor de História. Acabei prestando o vestibular na faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, o grande celeiro de parte da intelectualidade sergipana no início dos anos sessenta, passando quatro anos em companhia de colegas que permanecem amigos até hoje, como Marta Barreto, Beatriz Dantas, Maria de Andrade Gonçalves, Maria de Lourdes Maciel, Maria da Glória S. Almeida, Clodoaldo Alencar Filho, Joana Angélica Melo, Maria Auxiliadora Diniz. Muitos professores marcaram profundamente minha vida pessoal e acadêmica. Dom Luciano Duarte e suas aulas de Filosofia e de Teologia, Silvério L. Fontes na disciplina História do Brasil, a erudição do Dr. Gonçalo Rolemberg, ensinando História Geral, que já havia sido meu professor no Ateneu, Fernando Porto e Bonifácio Fortes, responsáveis pela minha dedicação à Geografia e por um certo

abandono da História, e Josefina Leite Campos, notável mestra que me encaminhou para a Antropologia e a quem tive a honra de substituir como docente da FCFS por alguns meses, antes de minha ida para Rio Claro.

O tempo na velha “Fafi” foi bastante importante na minha vida, pois aí envolvi-me na política Universitária e engajei-me na Juventude Universitária Católica. No convívio da JUC e da política estudantil, novas amizades se formaram: Juarez Costa, Carmem Machado, Clara Leite, Carlos Augusto Santos, José Carlos de Oliveira, Zelita Correia, Chico Varela, Gil Natureza, Paulo Barbosa e tantos outros.

2- Gostaríamos de saber como começou seu despertar para a Geografia

- O meu despertar para a Geografia começou propriamente no curso superior, embora gostasse bastante da disciplina desde o curso científico. Mas, de fato, prestei vestibular para Geografia e História, já que o curso era um só, pensando muito mais na História, sobretudo uma História Antiga, pois era fascinado pela civilização egípcia. Meus colegas chegaram a me chamar de “egiptólogo”, quando descobriram que sabia de cor todas as dinastias do antigo Egito. Aos poucos, foi sendo despertado um maior interesse pela Geografia, talvez pelo fato, por incrível que pareça, de poder responder mais objetivamente aos anseios de mudança do país que tanto discutíamos e por um maior envolvimento pessoal com os professores dessa área.

As poucas, mas intensamente aproveitadas, excursões com Fernando Porto e Bonifácio Fortes, as leituras de Josué de Castro, as possibilidades de pesquisa aplicada e, destaque-se, a instalação do Núcleo da AGB e a participação em suas Assembléias Gerais foram decisivas no meu encaminhamento definitivo para a Geografia.

3- Na sua trajetória profissional, quais os acontecimentos mais marcantes e a repercussão deles para sua vida. - Eu sempre coloco que minha vida profissional, como Geógrafo e professor universitário de Geografia, tem três pontos marcantes, associados a mudanças de local de trabalho e que trouxeram alterações profundas na maneira de ver o mundo: primeiro, a ida para Rio Claro, em 1967; segundo, a mudança para a Universidade de Brasília, em 1972; terceiro, o retorno para Aracaju, em 1975. Alguns desses momentos vão ser retomados em perguntas posteriores.

4- A História do Pensamento Geográfico brasileiro registra sua

participação efetiva, juntamente com alguns professores da UNESPIRio Claro, na introdução da postura neo-positivista no Brasil. Que significa este movimento para a Geografia? - Em fins dos anos sessenta, após conclusão dos seus Doutorados, um grupo de docentes da então Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, atual UNESP, do qual fazia parte, encontrava-se profundamente insatisfeito com a Geografia que produzia. Os outros membros do grupo que se reunia semanalmente para discussões sobre Epistemologia e Filosofia e estudos de Matemática e Estatística, eram Antônio Olívio Ceron, Livia de Oliveira, Miguel Sanchez e Antônio Cristofolletti, envolvendo também uma aluna do curso de graduação em Geografia que, posteriormente, exerceu a docência em Rio Claro, Lúcia Helena Gerardi.

As discussões desse grupo passaram a ter um direcionamento mais explícito para a Geografia Teorética e Quantitativa após a leitura e discussão do trabalho de J. B. Racine, “Nova Fronteira para a pesquisa Geográfica”, quando, realmente tomamos consciência de que uma ‘Nova Geografia’ estava em construção em outras partes do mundo, sobretudo nos Estados Unidos, Reino Unido e Suécia. Entender, então, o que se passava fora das nossas fronteiras e ver até que ponto a nova visão da Geografia atendia aos nossos anseios passou a ser meta do grupo. Os estudos foram intensificados e ampliaram-se os contatos com os geógrafos do IBGE, que também começavam a se envolver com a “Nova Geografia”, a partir de um curso ministrado por J. P. Cole no Rio de Janeiro. Percebemos, logo, que havia uma diferença entre o nosso grupo e o do Rio de Janeiro: enquanto a nossa preocupação enfocava mais questões epistemológicas da Geografia, o pessoal do IBGE avançava rapidamente no uso dos métodos quantitativos, talvez em decorrência da necessidade de realização de trabalho de pesquisa para aplicação no planejamento do país. Além disso, dispunham de um grande computador na PUCIRJ, com programas implantados por Cole. Em Rio Claro dispúnhamos, apenas, de uma calculadora Olivetti mecânica! Só passamos a usar modelos multivariados quando fui ao Rio de Janeiro, em meados de 1970 rodar análises fatorial e de agrupamento para minha Tese de Livre-Docência sobre a Depressão Periférica Paulista. Posteriormente, Antônio Ceron e Miguel Sanchez fizeram análises semelhantes já usando os pequenos IBM 1130 da Escola de Engenharia de São Carlos.

Após essa breve introdução sobre o início da Geografia Teorética e Quantitativa em Rio Claro, podemos tentar responder à questão formulada. Diante da Geografia clássica que produzíamos, o que havia de “novo”? Talvez 3 pontos

fossem mais evidentes na época:

a) uma postura mais “científica”, próxima das outras ciências (sobretudo exatas e naturais), permitindo um diálogo maior com outros pesquisadores inclusive das Ciências Sociais (sobretudo economistas). Esse ponto incluía o uso do método científico e da teoria dos sistemas

b) uma visão do real a partir de teorias e modelos, o que nos obrigava a abandonar a postura idiográfica da Geografia Clássica;

c) um tratamento mais “exato” dos fenômenos a partir do uso da Estatística e dos métodos quantitativos.

As radicalizações decorrentes da inovação geraram conflitos e rupturas no meio da comunidade geográfica, muitas vezes decorrentes da pouca reflexão sobre as próprias posturas. Para os inovadores, nada que se produzira sob a velha ética tinha qualquer valor científico. Para os ligados à Geografia Clássica, a “Nova Geografia” representava uma aberração quantitativista que só servia para camuflar a realidade. Essas foram as críticas originais. As acusações de “neo-positivismo”, de visão de reforço da expansão capitalista do pós-guerra etc, só vieram à luz muito depois.

Os mencionados conflitos, que iriam ser reproduzidos no Brasil após 1978 quando da introdução da Geografia Crítica, embora compreensíveis, em nada contribuíram para o progresso de nossa ciência. Passados trinta anos de início dessa mudança no Brasil, algumas reflexões muito provisórias e superficiais podem ser feitas sobre sua importância:

1ª) a abertura da Geografia para uma postura teórica abriu caminho para a Geografia Crítica. Não é sem razão que a maior parte dos geógrafos radicais do início desse movimento tenham sua origem na Geografia Teórica e Quantitativa. Passar para uma Geografia de cunho marxista, que assumia explicitamente uma visão paradigmática do mundo, talvez tivesse sido um salto mais difícil se feito a partir de uma visão que negava, taxativamente, a possibilidade da teoria em nossa ciência.

2ª) A familiarização do Geógrafo com a quantificação e a teoria dos sistemas abriu caminho para o uso da informática, do computador e dos Sistemas Geográficos de Informação;

3ª) O rompimento com o paradigma clássico abriu o campo da discussão epistemológica, permitiu a criação de numerosas “correntes” geográficas, a elaboração de diferentes visões de mundo e de novas concepções teóricas.

Sem a “evolução” dos sessenta/setenta, seria bem diferente a Geografia

atual. Mas, para finalizar, gostaria de colocar um ponto para reflexão. Apesar de denominada Neo-positivista por diversos autores bastante conceituados, inclusive por CAPEL, não considero a “Nova Geografia” como neo-positivista. Essa definição é uma simplificação de um fenômeno bem mais complexo. Em primeiro lugar, é preciso entender que o “neo-positivismo” foi uma corrente bastante heterogênea. Entre os membros originais do Círculo de Viena, as divergências eram imensas! Note-se, também que essa corrente já havia praticamente se exaurido quando começou o nosso movimento teórico e quantitativo, em meados dos cinquenta. É claro que alguns pontos da “Nova Geografia”, entre os quais a valorização do conhecimento científico, a busca da exatidão, o uso de modelos etc, estão também presentes no neo-positivismo. Todavia, é preciso refletir que uma concepção que se auto-determinava de “empirismo lógico” não se adequa, perfeitamente, a uma concepção que prima pela definição teórica a priori. De fato, o movimento teórico e quantitativo na Geografia decorreu de concepções teóricas diversas, entre as quais, e talvez fundamentalmente, as novas epistemologias de Popper e Bachelard.

Se lembrarmos que a sobrecapa da edição original do “Explanation in Geography”, de Harvey, considerado a “Bíblia” da “Nova Geografia”, reproduz um quadro surrealista de Escher, “Another World”, podemos especular sobre o quanto havia do surracionalismo bachelardiano na nova concepção. A própria “New Geograpy” não foi uma unidade: há muitas diferenças entre os trabalhos iniciais, quando os métodos quantitativos tiveram mais importância, e os da década de setenta, quando as idéias mais comportamentalistas e de julgamento de valores passaram a ter mais destaque, colocando em discussão a questão da objetividade científica e do posicionamento neutro do cientista.

Talvez o rótulo simplista de “neo-positivista” tenha também caráter pejorativo e patrulhamento, assim rotulando toda a concepção não dialética da ciência. Mas esse é tema para novas e mais prolongadas conversas!

5- Na sua permanência em Rio Claro, sabemos que trabalhou bastante com o Prof. Dr. Christofolletti. Como analisa a sua participação para a ciência geográfica brasileira. Trabalhei ao lado de Christofolletti durante anos. Como coloquei anteriormente, ele fez parte do grupo inicial que introduziu a Geografia Teórica e Quantitativa em Rio Claro. Mas ele foi mais do que um simples membro do grupo: como editava a “Notícia Geomorfológica”, ainda decorrente de suas ligações com a PUC de Campinas, Christofolletti tinha acesso a um grande número

de revistas internacionais, que recebia por intercâmbio. Sua biblioteca era também muito rica, muito superior à da Faculdade, em termos de publicações inovadoras. Assim, Chrisfoletti, muito aberto ao debate, era quem mais difundia inovações no grupo, além de sempre colocar as questões da “Nova Geografia” no âmbito da Geografia Física. Lembro-me bem, por exemplo, que foi ele quem primeiro levantou as questões da teoria dos sistemas e sua aplicação na Geomorfologia e o decorrente abandono da teoria dos ciclos de erosão.

De fato, convivi poucos anos com Christofolletti, pois ele chegou a Rio Claro em 1965 ou 1966, um pouco depois de mim, e saí dessa cidade no início de 1972. Nesse tempo, entretanto, mantivemos excelente relacionamento intelectual e pessoal.

6- *Em sua fase em Brasília o que mudou em sua vida?* A transferência para Brasília representou um impacto brutal em minha vida pessoal e profissional. Pela primeira vez passava a residir numa grande cidade e a trabalhar numa Universidade. É importante lembrar que a Faculdade de Filosofia de Rio Claro era muito pequena na época, o ambiente cultural da cidade bastante acanhado. Não havia intercâmbio com pesquisadores de outras áreas e, praticamente, escrevíamos para o colega da sala vizinha. A chegada à UnB, com a Geografia inserida num grande Departamento de Geociências, ligada à Geologia, foi suficientemente forte para mudar minha visão da Geografia, da sua aplicabilidade, da necessidade de uma linguagem comum com outros cientistas. Os alunos eram radicalmente diferentes dos de Rio Claro, vindos de diversas áreas, já que a UnB já desenvolvia o ensino em sistema de créditos. Tínhamos alunos de Geografia, Economia, Arquitetura e outras áreas, o que abria discussões bastante interessantes. Além disso, o nosso curso destinava-se à formação de geógrafos profissionais, o que dava outra dimensão à questão das técnicas e da aplicabilidade de Geografia.

7- *O seu retorno a UFS em 1975 trouxe mudanças?* Cheguei a Aracaju em meados de 1975, já com títulos de Doutor e de Livre-docente e com uma produção científica considerável, publicada no país e no exterior. Não tinha, então, preocupações com o início da construção de uma carreira pessoal, que de fato já estava feita. Além disso, trazia a experiência adquirida na Universidade de Brasília, o que me dava bastante abertura para contatos externos e a produção de uma Geografia mais aplicada. Podia, então, cuidar da criação de um centro geográfico de excelência em Sergipe, dando continuidade ao trabalho dos pioneiros que haviam

fundado e até então mantinham o curso de Geografia no Estado. Para isso contei com o apoio e o trabalho de vários colegas, notadamente de Adelci Figueiredo Santos. Nesse trabalho a preocupação sempre foi, primeiro, recursos humanos; segundo, recursos humanos; terceiro, recursos humanos. Conseguimos montar uma equipe qualificada em pouco tempo, a partir de um Curso de Especialização em “Geografia Aplicada ao Planejamento”, que ministrei praticamente sozinho, com a colaboração de Bertha Becker, Roberto Lobato, Adelci Figueiredo e Emmanuel Franco. Os trabalhos de pesquisa com o Governo do Estado e com a SUDENE, a qualificação do pessoal a nível de Mestrado e a chegada de alguns novos docentes nos permitiram iniciar o Curso de Mestrado - o primeiro da UFS já em 1983. A partir daí, nosso grupo passou a gozar de reconhecimento nacional, graças sobretudo à qualidade das dissertações defendidas, à organização de encontros nacionais e a participação em eventos científicos. O convênio com a UNESP, para o doutorado Norte/Nordeste em Aracaju, representou outro passo gigantesco. Qualificamos novos docentes, o que habilita o grupo agora a propor uma nova etapa - a constituição do primeiro doutorado da UFS, em consórcio com a Universidade Federal da Bahia.

Em suma, hoje estou plenamente realizado com meu trabalho em Aracaju. Não que tenha sido exclusivamente meu. Sem os outros membros do grupo, que fizeram um notável esforço para um salto de qualidade, teria conseguido realizar muito pouco.

8- Das suas inúmeras pesquisas em Geografia Agrária, quais as que considera de maior importância para a Ciência Geográfica? Destaque seu papel de pesquisador para a realidade geográfica nacional e sergipana. Essa é uma pergunta embaraçosa. E sempre melhor que os outros pesquisadores analisem sua obra. Muito rapidamente, gostaria apenas de destacar que considero meus trabalhos mais importantes a partir do retorno a Aracaju, quando pude contribuir mais fortemente para o conhecimento da realidade nordestina e sergipana. Quase todos são trabalhos de coordenação de grupos ou em co-autoria, mostrando o quanto de importância atribuo ao papel de articulador/orientador que desempenhei na UFS. Ressalto aqui os sete trabalhos produzidos para a SUDENE, os dois Atlas e, mais recentemente, o desenvolvimento de um grupo voltado aos estudos sobre campesinato, dos quais resultou meu último livro sobre a Condição Camponesa em Sergipe.

9- *No momento quais suas preocupações teórico-metodológica?* Acho que a Geografia continua passando, como outras ciências sociais, por um turbilhão epistemológico, teórico e metodológico. Embora o meu posicionamento seja basicamente popperiano, reconheço as dificuldades de trabalhar, na prática, com essa concepção. Faltam teorias! As que existem podem ser muito frágeis! Nos estudos recentes de campesinato, tenho utilizado a teoria de Chayanov para explicar a realidade. Todavia, suspeito da sua abrangência, o que pode inseri-la muito mais num terreno dogmático do que científico. As dificuldades são grandes e o emprego do método hipotético-dedutivo pode ser até impossível. Mas, o posicionamento popperiano é extremamente aberto e não dogmático. Todo o conhecimento científico é provisório e suas afirmações são meras conjecturas. Isso nos anima a continuar em busca de novas teorias que ajudem a explicar o real e a compreender o homem na superfície da Terra.